

VIRTUALIZAÇÃO E SUBJETIVIDADE: OS IMPACTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PSIQUISMO INCONSCIENTE DO ADOLESCENTE ⁽¹⁾.

Meliny Milka Oliveira Tavares⁽²⁾; Maria Yasmin Dantas Freitas⁽³⁾ Hudson Walker Simão Carneiro⁽⁴⁾ Kamila Matias Virginio⁽⁵⁾

⁽¹⁾ Trabalho desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIC) da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP;

⁽²⁾ Estudante de Psicologia, Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP; Pau dos Ferros, RN; email: melynepriince@gmail.com;

⁽³⁾ Estudante de Psicologia, Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP; Pau dos Ferros, RN; email: yasminfreitax@gmail.com

⁽⁴⁾ Professor orientador; Mestre em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES/UERN); Docente de Psicologia na FACEP; Coordenador do projeto Do Mormaço à escuta; hudsonwalkerpsi@gmail.com

⁽⁵⁾ Professora orientadora; Mestra em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES/UERN); Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA); kamilamvarq@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Virtual, Adolescência, Psicanálise, Neurociências, Clínica.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais transformaram profundamente a forma como nos relacionamos, pensamos e vivenciamos nossas emoções. Presentes em quase todos os espaços da vida cotidiana, elas influenciam não apenas os comportamentos, mas também o modo como o sujeito se constitui e se percebe. Na adolescência, período marcado por intensas mudanças psíquicas, afetivas e corporais, esses impactos tornam-se ainda mais evidentes.

As novas tecnologias digitais, ao mediar as relações e a experiência de si, influenciam a constituição do sujeito e os processos inconscientes, especialmente na adolescência (Velano, 2025; Freire e Gondim, 2022). A hiperconectividade e a exposição às telas podem tanto ampliar experiências simbólicas quanto provocar fenômenos de alienação, despersonalização e empobrecimento do laço social (Lima *et al.*, 2016; Velano, 2025). Além disso, o uso intenso das redes sociais modifica a forma de comunicação e de vínculo com o outro, interferindo na construção da identidade e na elaboração do desejo (Azevedo e Nutti, 2025). Nesse cenário, surgem novas manifestações do inconsciente e novas formas de sofrimento psíquico que desafiam o manejo clínico tradicional.

Este trabalho tem por objetivo debater o impacto das tecnologias na subjetividade dos sujeitos adolescentes. Justifica-se em vista de que as redes sociais não são apenas um mero instrumento tecnológico, mas um espaço de reafirmação da subjetividade, visto que a adolescência é uma fase crítica e intermediária do desenvolvimento humano em transição da infância para a vida adulta, em que se busca independência da relação intrafamiliar e aceitação por outros pares. O espaço virtual proporciona interconexões



desenvolvidas através de interesses em comum em comunidades virtuais (Freire e Gondim, 2022).

De acordo com Lima *et al.* (2016), o excesso de informação e a velocidade das interações digitais dificultam a experiência subjetiva e a simbolização, interferindo na transmissão de saber e no processo de formação do sujeito. Velano (2025) acrescenta que a virtualidade pode produzir uma vivência fragmentada do eu, na qual o corpo é afastado das trocas afetivas, comprometendo a constituição do self e a percepção de si. O self é o sentimento que a pessoa tem de ser quem ela é, a percepção do próprio “eu”, ele une o que sentimos, pensamos e mostramos ao mundo.

Segundo Velano (2025), essa experiência de si é influenciada pelas relações e pelo ambiente, especialmente o digital. Azevedo e Nutti (2025) acrescentam que o self se forma pela integração entre corpo, emoção e pensamento, podendo se fragilizar diante do excesso de estímulos externos. Freire e Gondim (2022) destacam que as redes sociais funcionam como espelhos narcísicos contemporâneos, mediando a autoimagem e o desejo de reconhecimento, um dos principais dilemas da adolescência, o que pode intensificar sentimentos de inadequação e solidão. Já Azevedo e Nutti (2025) propõem o diálogo entre psicanálise e neurociências, indicando que os estímulos digitais constantes afetam os circuitos de recompensa e prazer, alterando também as dinâmicas inconscientes do desejo.

Dessa forma, compreende-se que o ambiente digital não apenas transforma a maneira como o adolescente se relaciona com o outro, mas também interfere em sua vivência emocional e inconsciente. Essa reflexão sustenta a relevância do presente estudo, que busca compreender de que modo as tecnologias digitais influenciam a formação subjetiva e o psiquismo adolescente, preparando o terreno para a análise dos resultados e discussões a seguir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que coloca à frente as aspirações do pesquisador através de outros autores que vivem uma realidade parecida e que estão envolvidos neste mesmo objetivo de estudo (Minayo, 2001), e exploratória, desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato; desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais vistos ou hipóteses pesquisáveis para estudos futuros (Gil, 2008), de abordagem qualitativa, que responde a questões muito particulares e está ligada às ciências sociais, dedicada à interpretação dos fenômenos humanos (Minayo, 2001).



Fundamentada em artigos científicos disponíveis em bases acadêmicas como SciELO e PePSIC, e em materiais audiovisuais de natureza psicanalítica, foram analisados quatro textos principais: Conexões entre Psicanálise, Neurociência e Ciências Cognitivas (Azevedo e Nutti, 2025), Tecnologia e Adolescência (Freire e Gondim, 2022), Adolescência e Saber no Contexto das Tecnologias Digitais (Lima et al., 2016), o livro “A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais”, de Jonathan Haidt (2024), e A Experiência de Si e a Virtualidade na Adolescência (Velano, 2025).

Complementarmente, foram utilizados três vídeos de referência: Psicanálise, Adolescência e as Redes Sociais — Como deve ser o manejo clínico com adolescentes? (2023), Psicanálise e a Clínica com Adolescentes (Duarte, 2023) e 2ª Roda de Conversa sobre Adolescências e Redes Sociais (2024). Esses materiais contribuíram para observar discussões práticas e atuais sobre o manejo clínico com adolescentes hiperconectados.

A análise seguiu um recorte temático, buscando interconexões entre os autores e os materiais audiovisuais em torno de três eixos: (1) impacto da virtualidade na formação do eu; (2) novas manifestações do inconsciente; e (3) manejo clínico psicanalítico diante da hiperconectividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão dos efeitos das tecnologias sobre o psiquismo adolescente exige um olhar interdisciplinar, capaz de integrar diferentes formas de entender a mente humana. Após apresentar na introdução como o ambiente digital interfere na experiência de si e nos processos inconscientes, esta seção busca aprofundar a discussão a partir do diálogo entre Psicanálise, Neurociência e Ciências Cognitivas, que oferecem perspectivas complementares sobre o funcionamento mental.

Conforme Azevedo e Nutti (2025), tais circunstâncias são campos férteis para estudos envolvendo a Psicanálise, que explora experiências subjetivas, as memórias e as emoções, assim como o inconsciente e os conflitos mentais; a Neurociência, que busca compreender os fenômenos das estruturas e funções cerebrais num viés biológico, analisando como circuitos neurais e substâncias químicas influenciam as emoções; e as Ciências Cognitivas, que examinam o processamento de informações no cérebro e analisam como pensamentos e percepções são gerados e organizados. O cérebro adolescente envolve diversos processos mentais complexos inconscientes, neurológicos e



cognitivos, baseando-se no interesse de compreender os processos mentais, embora com abordagens distintas e complementares.

Essas três abordagens dialogam entre si e ajudam a explicar como o uso intenso da tecnologia pode alterar tanto a percepção emocional quanto o comportamento, o que justifica a importância de estudos que unam essas perspectivas.

Haidt (2024), em seu livro “A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais”, afirma que atividades que ativam repentinamente uma constelação de neurônios tornam esses neurônios mais conectados. Por exemplo, uma criança que passa pela puberdade jogando on-line, pintando ou praticando qualquer outra atividade frequente causará mudanças estruturais prolongadas no cérebro, especialmente se essas atividades evocarem recompensas. Com o início da puberdade, a poda sináptica e a mielinização aceleram, e experiências ao longo dos anos podem ter efeitos duradouros e amplos. Portanto, a adolescência não é necessariamente um período mais estressante; na verdade, é o momento em que o cérebro se torna mais vulnerável aos efeitos de fatores de estresse, o que pode predispor a transtornos mentais, como ansiedade generalizada e depressão.

Essas reflexões reforçam a relevância de considerar o ambiente digital como um fator de impacto real sobre o cérebro adolescente, não apenas em termos comportamentais, mas também estruturais e afetivos.

Haidt (2024) ainda enfatiza que experiências em telas podem ser menos valiosas do que experiências presenciais. Para que os adolescentes tenham uma puberdade saudável, é necessário afastá-los dos “inibidores de experiências”, entre eles os smartphones, para que possam acumular vivências fundamentais nessa fase crítica, enfrentando fatores de estresse do mundo real e trilhando um caminho para a vida adulta que envolva desafios, responsabilidades, marcos e liberdade.

Essa análise converge com a visão psicanalítica de que a experiência corporal e o contato com o outro são indispensáveis para o fortalecimento da identidade e do self, o que mostra a importância do equilíbrio entre a vida digital e as experiências concretas.

Duarte (2023) discute a importância de a clínica psicanalítica oferecer um espaço seguro para que os jovens possam expressar sentimentos complexos, frustrações e desejos, permitindo a elaboração de suas experiências e promovendo o autoconhecimento. A abordagem do autor destaca a necessidade de sensibilidade do profissional para lidar com resistências e conflitos, considerando os contextos sociais e culturais em que o adolescente está inserido.



Esse olhar clínico complementa as discussões anteriores, pois propõe caminhos para lidar, na prática, com os efeitos psíquicos que surgem em um mundo cada vez mais mediado pelas telas.

Conforme Marques (2024), as redes sociais moldam comportamentos, percepções de si e relações sociais, além de abordarem questões de vulnerabilidade emocional, cyberbullying e impactos na saúde mental. Também são destacadas experiências positivas, como o uso das plataformas para apoio emocional, construção de redes de amizade e expressão criativa. Contudo, o contato precoce com a pornografia pode fragilizar a formação da identidade e do desejo na adolescência. Freire e Gondim (2022) e Velano (2025) afirmam que a exposição excessiva a imagens erotizadas interfere na vivência afetiva e no vínculo com a realidade.

A partir da análise dos estudos revisados, foi possível perceber que a adolescência, vivida em meio ao avanço das tecnologias digitais, vem se configurando como um período de intensas transformações. O ambiente virtual passou a ocupar um espaço importante na vida dos jovens, oferecendo novas formas de se relacionar, de se expressar e de experimentar a própria identidade.

Por meio de estudos interdisciplinares como a Psicanálise, Neurociência e Ciências Cognitivas, também há a possibilidade de diálogo com a Psicopatologia. Alguns jovens enfrentam transtornos como depressão e ansiedade, ou convivem com alguma deficiência intelectual. Nesses casos, o ambiente virtual pode se tornar um espaço de refúgio e acolhimento, oferecendo oportunidades de expressão, pertencimento e contato com o outro que podem ser mais difíceis de alcançar no mundo presencial, muitas vezes, devido ao preconceito.

Os resultados indicam, contudo, que o uso excessivo das tecnologias digitais tem provocado mudanças significativas na formação da subjetividade e nos hábitos cotidianos. A busca por reconhecimento nas redes sociais e a constante comparação com os outros influenciam diretamente a construção da autoimagem e da autoestima, gerando insegurança e dependência emocional. Além disso, a virtualização das relações reduz o contato afetivo e corporal, elementos essenciais para o amadurecimento psíquico. A exposição contínua a estímulos digitais também interfere nos processos de atenção, memória e prazer, afetando a capacidade de simbolização e de lidar com frustrações.

Assim, o universo digital, ao mesmo tempo que amplia possibilidades de expressão e interação, também impõe novos desafios à constituição da identidade e ao equilíbrio emocional dos adolescentes, exigindo um olhar clínico e social mais atento aos impactos dessas transformações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a avaliação dos textos apresentados, o psiquismo dos adolescentes na contemporaneidade mostra-se em uma conjuntura vulnerável entre a interseção da psicanálise e as redes sociais, desencadeando uma série de questões voltadas a sua subjetividade e senso de self, de tal forma que essas influências tecnológicas se cristalizam em seu inconsciente comprometendo suas vivências reais, visto que a adolescência é uma fase que apresenta tensões no desenvolvimento humano.

Essa pesquisa permitiu que compreendêssemos mais profundamente como as novas tecnologias influenciam a formação psíquica dos adolescentes e revelam nessas novas formas de manifestação do inconsciente e da sua própria identidade. Percebeu-se que o ambiente digital funciona tanto como um espaço de expressão e construção da identidade, como sua criatividade que constantemente é ativada pelas diversas interações e imersão neste mundo online, mas também é gerador de sofrimento emocional, marcado por isolamento, dependência e fragilidade nas relações sociais.

O estudo apresenta como limitação o fato de se restringir à abordagem bibliográfica, o que limita e impede uma observação mais direta das experiências dos adolescentes na prática clínica e social. Todavia, o trabalho contribuiu ao aproximar diferentes campos do conhecimento como a Psicanálise, a Neurociência e as Ciências Cognitivas, ajudando a compreender melhor os impactos da conexão virtual, expandindo o conhecimento sobre processos mentais.

Podemos concluir que um dos grandes desafios atuais para a clínica e para as demais áreas é desenvolver formas de escuta e de cuidado que considerem o adolescente atravessado pelas tecnologias, sem deixar de lado sua dimensão emocional subjetiva.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, L. M. de S.; NUTTI, J. Z. Conexões entre psicanálise, neurociência e ciências cognitivas. **Cognitionis**, v. 8, n. 1, p. 1–15, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.605>. Acesso em: 28 out. 2025.

DUARTE, R. Psicanálise e a clínica com adolescentes. [vídeo]. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTUxDL4B3xs>. Acesso em: 24 set. 2025.



ESCOLA DE PSICANÁLISE DE CURITIBA. Psicanálise, adolescência e as redes sociais – como deve ser o manejo clínico com adolescentes? [vídeo]. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LXUgKxyKt8>. Acesso em: 24 set. 2025.

FREIRE, D. G.; GONDIM, L. S. S. Tecnologia e adolescência: influência nas relações interpessoais e na construção de identidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, v. 32, n. 33, p. 90–104, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542022000200008. Acesso em: 28 out. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAIDT, J. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. São Paulo: Planeta, 2024.

LIMA, N. L. *et al.* Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: há transmissão possível? **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 11, n. 21, p. 42–65, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/43166>. Acesso em: 28 out. 2025.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓS – GRUPO DE ESTUDOS SOBRE ADOLESCÊNCIA. 2ª Roda de conversa sobre adolescências e redes sociais. [vídeo]. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NEkk-6q8XNw>. Acesso em: 6 out. 2025.

VELANO, M. A experiência de si e a virtualidade na adolescência: estranhos familiares. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 59, n. 2, p. 141–149, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.69904/0486-641x.v59n2.11>. Acesso em: 28 out. 2025.

